

O MOVIMENTO DA CAMPANHA DO QUILO EM RECIFE E SUA ABORDAGEM SOB A ÓTICA DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

Alessandra Hosana de Menezes

Aluna do Mestrado Profissional em História da Universidade Católica de Pernambuco

Email: alessandra.2022608008@unicap.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a Campanha do Quilo, movimento assistencial intimamente ligado a praticantes da doutrina espírita, que preza, entre outras coisas, pela supressão da caridade material. Vincularemos as benesses dessa Campanha no âmbito do combate a fome, que, desde o início do movimento em Recife, 1946, se dedica na arrecadação e distribuição de alimentos para manutenção de abrigos, orfanatos e creches na capital e Região Metropolitana. A partir das fontes analisadas, quais sejam, acervos documentais de órgãos espíritas que estiveram à frente da Campanha do Quilo, livros de memorialistas, jornais da época, além de teóricos ligados ao tema da fome e desigualdade social, pretendemos observar a dimensão do impacto social trazido pelas doações alimentares orquestrada pela Campanha nas instituições assistidas, a partir de uma mobilização voluntária que é realizada de forma sistemática e regular há 76 anos na capital e Região Metropolitana.

PALAVRAS-CHAVE: assistencialismo, fome, Campanha do Quilo.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A fome é uma velha conhecida no cenário recifense, estampada em “carne e osso” todos os dias nas ruas e calçadas de nossa cidade, herança de injustiça social que atinge parte

significativa da nossa população. Se recuarmos algumas décadas, podemos perceber, que ao final da final da Segunda Grande Guerra, áreas periféricas como o Brasil já padeciam com seus reflexos. Por essa época a região Nordeste, mais especificamente o Estado de Pernambuco, enfrentava esses dramas com bastante intensidade. Em Recife, a miséria se avolumava devido a um "inchaço" trazido pelo fluxo migratório da população da área rural e de outras cidades do Nordeste. (PANDOLFI, 1984, p. 59). Entre o "inchaço" e as precariedades, percebia-se famílias inteiras sofrendo com desnutrição. Nesse cenário, as crianças, muitas vezes eram conduzidas a orfanatos[1].

Diante dessa realidade dolorosa para os socialmente vulneráveis e impactante para a sociedade de modo geral, observamos no cenário recifense o amplo surgimento de ações de movimentos assistencialistas, independentes ou de cunho religioso, com objetivo de minimizar esse sofrimento humano. Em especial, a Campanha do Quilo chama atenção por ser um movimento que foi trazido para Recife há 76 anos, com suas práticas inovadoras no campo da arrecadação de doações - através do peditório de porta em porta nas casas (campanha de movimento) e do pedido de doação nos sinais de trânsito (campanha de ponto) - direcionando a arrecadação para os asilos e creches vinculados a órgãos espíritas espalhados em diversos bairros do Recife e Região Metropolitana.

Em linhas gerais, o assistencialismo sob a perspectiva do movimento religioso é a mobilização da caridade que se reveste de ação social, na medida em que objetiva proporcionar bem-estar para melhorar a qualidade de vida dos mais materialmente empobrecidos.

O Manual de Apoio de Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita da Federação Espírita Brasileira (FEB), estabelece diretrizes e recomendações para o movimento espírita no que tange às ações assistenciais desenvolvidas pelos centros e demais

[1] Para fins deste trabalho consideraremos o termo "orfanatos" como entidades sem fins lucrativos, existentes entre as décadas de 1940-1950, que abrigavam crianças e adolescentes órfãos ou em situação de abandono, geralmente quando as famílias não tinham condições de mantê-los. Era comum, nos orfanatos ligados ao movimento espírita, o acolhimento de menores oferecendo, na medida do possível, cuidados pessoais, médicos e educacionais.

instituições espíritas. Atento a evolução do assistencialismo ao longo do tempo, orienta pela necessidade de modificação de expressões como esmola, pobreza, para exclusão social e resgate aos direitos mínimos do cidadão, uma vez que seu campo de ação vai além, não limitando ao sentido precário e pejorativo da ajuda, pois, segundo a FEB, a caridade supera a concepção reducionista e tradicional de esmola (ajuda material) na medida que determina a ação de ir de encontro ao próximo, orientando e respeitando sobre seus direitos e garantias constitucionais mínimos, e com isso exercer a assistência de promoção aos seus direitos. (SILVEIRA, 2013, pag. 17-19).

O historiador francês Jacques Le Goff (1990), que se empenhou em discutir suas as diferenças e no campo da memória, contribuiu para a distinção entre memória individual e coletiva, onde a primeira, resumidamente, é compreendida como as lembranças de cada pessoa, já a coletiva diz respeito às identidades construídas socialmente, entre tradições, fatos históricos que constrói a memória social.

Para que os relatos individuais tenham valor histórico devem ser submetidos à sua análise, procedimento essencial ao ofício do historiador, onde aqui trazemos as contribuições de Michel de Certeau sobre o ofício do historiador, em sua obra *A Escrita da História*, e sua célebre pergunta: “O que fabrica o historiador quando ‘faz história?” (CERTEAU, 1982, p. 54).

Certeau define que o papel do historiador é oferecer uma outra leitura e compreensão sobre estes registros. Para Certeau, o ofício dos historiadores requer elementos indispensáveis para validar esse saber: o lugar social, técnicas científicas e a escrita. O lugar social demonstra a importância do historiador, aquele que detém do conhecimento das teorias, métodos, erudição e subjetividade necessária para a fabricação da história a partir do local da produção, junto a seus pares. A história para se tornar científica, deve se alinhar com técnicas, métodos, teorias aplicadas nas fontes colhidas. O historiador faz as fontes “falarem” a partir da elaboração de perguntas, confrontando-as com outras fontes, transformando-as em objeto de história. E por fim, a escrita que finaliza a operação historiográfica, transformando o seu saber em história científica, na medida que pode ser comprovada, verificável (CERTEAU, 1982).

Assim, sob a ótica da memória e da história, analisaremos a trajetória do movimento da Campanha do Quilo em Recife, em 1946, abordando seu firmamento como serviço assistencialista frente aos asilos, creches e famílias em vulnerabilidade, provenientes de comunidades circunvizinhas de centros espíritas, previamente cadastradas. Também circularemos entre as relações de poder existentes, seja a partir de ações de resistência frente ao órgão de hierarquia superior, seja aquelas existentes dentro da Escola Central Campanha do Quilo em Pernambuco, órgão coordenador das Campanhas do Quilo do Estado, uma vez que as suas mobilizações de resistências foram cruciais para seu firmamento.

MOVIMENTO ASSISTENCIAL ESPÍRITA KARDECISTA

Antes de adentrar no tema abordado, cabe uma breve explanação sobre o conceito de espiritismo. Devido a pluralidade étnica do Brasil, o "espiritismo" pode ser entendido de diversas formas. Segundo o Dicionário Houaiss o termo "espiritismo" é entendido como "doutrina de cunho filosófico-religioso voltada para o aperfeiçoamento moral do homem por meio de ensinamentos transmitidos por espíritos desencarnados que se comunicam com os vivos especialmente através de médiuns" (HOUAISS, 2009).

Utilizaremos como referencial o trabalho científico de Alice Beatriz da Silva Lang, Espiritismo no Brasil (2008), para explicar a origem do espiritismo kardecista que, antes de ser compreendida como religião, concebia-se como doutrina de cunho religioso que adota o nome de seu codificador, Allan Kardec, para fazer a distinção das demais religiões espiritualistas.

O espiritismo teve início na França com a codificação de O Livro dos Espíritos, em 1857, escrito por Allan Kardec por meio de diálogos com espíritos; difundiu-se na Europa e chegou ao Brasil ainda no século XIX, trazido pelos médicos homeopatas e médiuns Bento Mure e João Vicente Martins (LANG, 2008). A publicação do referido livro aconteceu num período que em que o pensamento científico estava dominado pelo racionalismo e pelo

evolucionismo, proposta por Charles Darwin (LANG, 2008). Para a autora, o espiritismo kardecista possui uma perspectiva de fé racionalizada, na medida em que consegue compatibilizar filosofia, ciência e religião.

Lang (2008) ainda nos traz a compreensão das ações dentro dos Centros Espíritas, que se fazem em três vertentes: assistência espiritual, instrução moral e assistência social. A assistência espiritual é ofertada através de palestras edificantes, que visa a reforma íntima, e de aplicação de passes – este último são movimentos dados por médiuns pela imposição das mãos, como forma de tratamento ao indivíduo. Já a instrução moral refere-se ao ensino da codificação espírita. Por fim a assistência social provê assistência médica, remédios, alimentos, roupas aos necessitados (LANG, 2008). É exatamente na assistência social que reside as ações da Campanha do Quilo.

O SURGIMENTO DA CAMPANHA DO QUILO EM PERNAMBUCO

No prefácio do livro *Campanha do Quilo: uma prece em movimento* (2016), podemos perceber o vínculo entre a Campanha e o cristianismo:

> A atividade de pedir a quem tem para distribuir aos que não têm, remonta aos primeiros tempos do Cristianismo, na liderança de Paulo de Tarso, quando este apóstolo do Cristo recolhia os óbolos, as ofertas fraternais para os pobres chamados 'Santos de Jerusalém' [...] (ALEXANDRE; ALVES *in* OLIVEIRA, 2016, p. 7).

Os autores continuam ilustrando o significado da expressão: "Esses serviços peditórios passaram a ser chamados de 'Campanha do Quilo' em decorrência da escassez do dinheiro nos tempos idos, pedindo-se aos víveres, os alimentos em quilos, ou porções de quilo. Daí o nome de Campanha do Quilo" (ALEXANDRE; ALVES in OLIVEIRA, 2016, p. 7).

Segundo Uchoa:

> A própria palavra Quilo tomou um significado mais além do comum que lhe era atribuído. O saco e a mochila passaram -entre os espíritas, a princípio, e não-espíritas depois – a representar mais que simples apetrechos, incluindo agora como símbolos de solidariedade e de amparo à velhice e à infância. (UCHOA, 2013, p. 41)

Assim, por movimento da Campanha do Quilo, em seu aspecto material, podemos entender como uma ação solidária realizada por instituições espíritas com objetivo de promover a arrecadação de donativos (gênero alimentícios e dinheiro), a fim de auxiliar pessoas em vulnerabilidade social. Em princípio essa prática caritativa tinha como público-alvo tão somente asilos e orfanatos ligados a essas instituições. Com o passar dos anos, o movimento expandiu seu campo de contribuição para o auxílio a famílias carentes, devidamente cadastradas nas comunidades circunvizinhas dos centros espíritas participantes, os quais recebem a alimentação de forma programada (UCHOA, 2003).

É que houve uma alteração no §1º do art. 1º, no Estatuto da Fraternidade Espírita de Campanha do Quilo de Pernambuco de 20 de agosto de 2008, ampliando o rol de beneficiários para "*pessoas carentes*". Antes, constava no *caput* do art.1º do antigo Regimento Interno da Escola Central da Campanha do Quilo de Pernambuco "*como principal finalidade auxiliar os abrigos de velhice e os orfanatos espíritas*", de forma taxativa[2].

Falando em memória coletiva, tal qual delineado por Jacques Le Goff (1990), de maneira geral, os participantes do movimento espírita conhecem a trajetória de Elias Sobreira e sua dedicação na instituição e desenvolvimento da Campanha do Quilo em Recife. Como memorialista, ele outorgou sua experiencia através de discursos em tribunas dos diversos órgãos espíritas que transitou, e através de ação, como legionário, nos diversos bairros de Pernambuco e cidades do Norte e Nordeste. Por fim, publicou o livro O Bom Combate: Suas histórias e as vivências de um legionário (1978), onde revela, a partir de sua experiencia, o surgimento desse movimento no Rio de Janeiro, o caminho percorrido para sua consolidação em Pernambuco, bem como trouxe diversas normas de condutas, pautada na disciplina e no amor, que foram adotadas pelo Regimento da Fraternidade Espírita de Campanha do Quilo em Pernambuco.

[2] Fonte: Blog da Fraternidade Espírita de Campanha do Quilo PE: Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B2UR3yL5VrLzbERHdmNzQVlWR2F0S3VNRTZGZ0ljUHpleFdj/view?resourcekey=0-pKZlNScUW65NTwgTB-uDQw. Acesso: 04 Dez 2022

Elias Alverne Sobreira foi o fundador e maior responsável pela divulgação dessa prática de caridade em Recife, em razão da experiência pioneira realizada durante sete anos no Rio de Janeiro, de 1938 a 1945, inicialmente em benefício do Abrigo-Creche Nazareno, localizado na cidade de Campo Grande, que abrigava idosos e crianças, estendendo posteriormente a tarefa em auxílio a outras organizações espíritas que mantinham orfanatos, creches e abrigos a seus cargos. (SOBREIRA, 1978).

Sobreira, que era militar, teve sua transferência da capital federal para a capital pernambucana concretizada no final de 1945. Não demorou para perceber que poderia utilizar seus conhecimentos para auxiliar um orfanato local que passava por sérias privações – Lar Ceci Costa, situado no Complexo Salgadinho – Grande Recife. (SOBREIRA, 1978). Sob o signo da expansão de auxílio, lançou as bases para a implantação do Movimento da Campanha do Quilo entre as diversas instituições espíritas recifenses, no qual obteve êxito. (UCHOA, 2003).

Oficialmente a primeira Campanha do Quilo em solo recifense ocorreu no dia 03 de março de 1946, com o apoio do primeiro afiliado – A Escola Espírita Maria de Nazaré, na zona norte da cidade. Trezes voluntários participaram dessa primeira ação, utilizando "saco de padaria" nas costas e pequena mochila nas mãos – assim como era realizado na cidade do Rio de Janeiro, e saíram às ruas onde arrecadaram alimentos e valores que foram destinados para o Lar Ceci Costa. Sobreira seguiu trabalhando na sua difusão, o que resultou com a adesão de dezenas de centros espíritas. (UCHOA, 2003).

Após as primeiras ações do movimento, foi fundada informalmente *a Escola Central da Campanha do Quilo de Pernambuco*, com objetivo de coordenar e promover ações do movimento nos diversos órgãos espíritas aderentes. Para o movimento, a disciplina era algo imprescindível, oportunidade em que foi organizado o seu Regimento, que determinava diversas normas de conduta para os *legionários do quilo*[3]*,* dirigentes das Campanhas do Quilo, instituições assistidas e órgãos espíritas adesos. (SOBREIRA, 1978)

[3] Pessoas que realizam voluntariamente a tarefa de peditório de Campanha do Quilo.

A Escola Central da Campanha do Quilo, hoje denominada Fraternidade Espírita de Campanha do Quilo de Pernambuco é uma organização religiosa espírita de pessoa jurídica de direito privado e peça fundamental do movimento. Surgiu com a missão de reger a Campanha do Quilo em Pernambuco. Através do seu Regimento ficou estabelecido que toda e qualquer organização religiosa espírita que pratique a atividade de Campanha do Quilo tem por obrigação ser vinculada a essa Escola, que norteia a rota de trabalho de todos os centros adesos. Ela foi considerada de utilidade pública através da Lei Ordinária n.º 10.821, de 24 de setembro de 1972.

Seu surgimento como pessoa jurídica veio depois de sua criação, pois os coordenadores e os legionários da Campanha do Quilo necessitavam de espaço e organização para estabelecerem os trabalhos frente a diversos órgãos espíritas aderentes a campanha. E dessarte, sua personalidade jurídica perante o Registro Público só foi realizada no dia 09/08/1972.

Partindo para uma visualização dos resultados trazidos pela Campanha do Quilo frente a sociedade civil, a seguinte matéria veiculada no Diário da Noite (sem data definida, mas possivelmente na década de 1950), revela a capacidade do movimento ao amparo de idosas e crianças assistidas pelo Abrigo Bezerra de Menezes, localizado na Estada São Benedito, Olinda, Região Metropolitana do Recife.



A CAMPANHA DO QUILO VAI AMENTAR ABRIGO

A Campanha do Quilo (espírita) está pretendendo aumentar o Abrigo Bezerra de Menezes, localizado na estrada de São Benedito. Atualmente dando assistência (a que pode, com os minguados recursos de que dispõe) a 19 senhoras idosas e desamparadas, espera estender à infância o seu campo de ação. Estas foram desalojadas, há algum tempo, para que não houvesse promiscuidade. A instituição mantém, ainda, em tal setor de atividade, uma escola, que possibilita curso primário a 60 crianças das redondezas. A Campanha do Quilo já se tornou tradicional, no Recife. De porta em porta, nas filas dos ônibus, nas bilheterias dos campos de futebol, comumente podem-se ver legionários pedindo esmolas, que se destinam às obras de caridade.

O Abrigo Bezerra de Menezes difere, com relação ao propósito, o Teresa de Jesus, no Prado. Não se nota muita preocupação por êsse aspecto. O dormitório não é muito higiênico. Poderia ser proporcionado ambiente um pouco mais saudável a quem já se encontra. O prédio é relativamente novo e se prestaria a uma

COMA DE TUDO GASTRICOL GARANTE BÓA DIGESTÃO

calação, por simples que fôsse; o piso, de cimento, deveria ser lavado, diàriamente, como ocorre nos hospitais, para evitar o acúmulo de detritos; o quintal tornar-se-ia melhor com o plantio de árvores. Esta, vale dizer, é uma questão à margem. Ferimo-la como sugestão. Não se pode obscurecer o esfôrço dos que saem, com a melhor boa vontade, pela cidade afora, a pedir auxílios "em nome de Jesus".

PERDIDOS E ACHADOS

BOLSAS

Bolsa de senhora, com certa importância em dinheiro e alguns documentos.

PONTO

Passa-se com 220 metros quadrados. Térreo — Cais de Sta. Rita, 320 — Fone 7136.

Fonte: acervo da Fraternidade Espírita de Campanha do Quilo de Pernambuco, com reprodução original extraído do Jornal Diário da Noite, p. 9, s/data.

A ilustração nos traz matéria de divulgação do trabalho do movimento assistencialista, na intenção em aumentar o abrigo espírita, para cuidado de 19 idosas, bem como para proporcionar educação para 60 crianças da área circunvizinhas, através das arrecadações. Ao mesmo tempo revela a dificuldade financeira da Campanha do Quilo, bem como indica o *modus operandi* da arrecadação*: "De porta em porta, nas filas dos ônibus, nas bilheterias dos campos de futebol, confirmante podem-se ver legionários pedindo esmola, que se destina às obras de caridade."*

CENÁRIO POLÍTICO E OS REFLEXOS DA FOME

O ano da implantação do movimento da Campanha do Quilo em Recife, 1946, coincide com o início do regime democrático no país. O Brasil tinha passado por 15 anos profundamente marcantes do governo autoritário de Getúlio Vargas, entre o governo Provisório, o Constitucional e a ditadura do Estado Novo.

> Foi um período em que se testemunhou levantes armados, a emergência do nacionalismo e do trabalhismo, revoltas populares, duas constituições federais, conspirações de esquerda e de direita, o desenvolvimento da indústria brasileira,

> um golpe de estado e uma dura ditadura que violou diversos direitos humanos. (MOURELLE, 2017, [s.p.])

No período abordado, encontramos na cidade do Recife registros das mais diversificadas formas de penúria e de fome provocadas pela migração dos sertanejos nordestinos, que, fugindo das secas, ou das precárias condições financeiras fornecidas pelas usinas de açúcar, migram para a capital, provocando um inchaço populacional de miséria. A pobreza e a violência ganhavam visibilidade, configurando como espaço de exclusão social. O mapa da fome foi visibilizado através das análises realizadas por Josué de Castro,[4] lançado em sua obra Geografia da Fome, em 1946. (VASCONCELOS, 2005).

Josué de Castro, doravante, atuou no governo do Estado Novo durante a interventoria de Agamenon Magalhães, incentivando para que a questão nutricional tornasse uma das principais temáticas da agenda do governo, "em razão da elevada ocorrência das doenças nutricionais relacionadas à miséria, à pobreza e ao atraso econômico, representadas pela desnutrição de parcela da população" (VASCONCELOS, 2005).

Nesse período havia um alto índice de mortalidade infantil, denotando assim a precárias condições de vida das camadas mais populares da cidade. E o desfecho desse povo, incluindo os operários que sofriam com as duras condições de trabalho e o salário insuficiente para se alimentarem dignamente era ou morrer de fome ou de tuberculose. Acertadamente, Josué de Castro apontava ser de responsabilidade das autoridades à promoção do mínimo de dignidade. Era preciso promover melhorias nas condições de

[4] Josué Apolônio de Castro, nascido em Recife, em 1908, e morto em Paris, em 1973, é reconhecido por seus estudos sobre a fome e por sua participação em organizações de combate a ela, tendo sido presidente do conselho da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e da Associação Mundial de Luta contra a Fome. Castro foi um intelectual e professor ativo, fosse ministrando aulas na Faculdade de Medicina do Recife, na Universidade do Distrito Federal, na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, ou em instituições internacionais. Além do trânsito acadêmico, Castro manteve seu consultório no Recife e, mais tarde, no Rio de Janeiro, de 1930 até meados dos anos 1950. Foi formador e articulador de diferentes organizações durante o governo Getúlio Vargas e, em 1954, elegeu-se deputado federal por Pernambuco pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sendo reeleito em 1958. Em 1962, renunciou ao mandato para ser embaixador do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU). Josué de Castro teve ampla circulação em diversas esferas da sociedade, como médico, literato, articulador político, professor universitário e cientista. Publicou diferentes obras que versam sobre o tema da alimentação no Brasil, mas sua consagração como profeta da fome se deu quando lançou, em 1946, o livro Geografia da fome, traduzido em diversas línguas. (LEME, Adriana Salay. Josué de Castro e as metamorfoses da fome no Brasil, 1932-1946. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.28, n.4, out.-dez. 2021, p.1115-1135.)

trabalho, ajustando salários, regulando uma dieta que suprisse a deficiência de nutrientes que abriam portas para enfermidades.

Outra consequência desse estado de miserabilidade eram crianças pedintes de esmola, vendedores ambulantes, sendo obrigadas a iniciar seu labor nas fábricas muito cedo, sem contar com aquelas que eram cedidas por seus familiares para orfanatos, local onde elas conseguiam, além de alimentação, educação regular e cuidados médicos.

DENTRO DOS SISTEM ORGANIZACIONAL E AS VISÍVEIS (OU NÃO) RELAÇÕES DE PODER

Com a implantação da Campanha do Quilo, Elias Sobreira foi designado como presidente da Escola Central e, junto com os demais dirigentes, elaborou o Regimento da Campanha do Quilo em Pernambuco, que estabelecia diversos comandos normativos direcionados para os legionários, pois não bastavam ter vontade em praticar o ato de caridade cristã, deveriam obedecer às regras, que incluía assiduidade, prestimosidade, indulgencia, pontualidade, paciência, modo de vestir, cuidado na fala (tinham por dever incluir a frase: *("Somos da Campanha do Quilo e em nome de Jesus estamos pedindo uma ajuda para o..."*), sem contar o repertório de respostas para as possíveis provocações, entre outros assuntos (SOBREIRA, 1978). Cabia aos tarefeiros se encaixarem naquelas normas de conduta, somando a obrigatoriedade no conhecimento básico sobre a doutrina kardecista, sob pena de não obterem permissão em participar da tarefa do quilo.

Os comandos normativos estabeleciam padronização de conduta dos voluntários para um modelo nóvel de arrecadação de donativos ligado à instituição religiosa, que foi por diversas vezes posta em dúvidas. Muito dos legionários se viram indo a delegacias para prestarem esclarecimentos de seus atos peditórios (UCHOA, 2003). Encontramos em noticiários jornalístico de pessoas se passando por legionários do quilo, em busca de arrecadar alimentos e, principalmente dinheiro, motivo pelo qual o movimento sentiu a necessidade de intensificar suas normas disciplinares, tanto internamente nas reuniões, e

principalmente externamente diante da sociedade civil (DIÁRIO DA NOITE, 14/10/1959,[s.p.]).

A relação de poder era visível não apenas através de seu Regimento. O órgão de maior autoridade da religião espírita kardecista no Estado, a *Federação Espírita Pernambucana* - FEP, não viu com bons olhos um movimento que cresceu vertiginosamente e que não foi chancelado por si, surgido dentro dos centros espíritas, ao ponto de declarar formalmente em suas reuniões não apoiar a Campanha do Quilo, provocando um "racha" entre os órgãos espíritas. Nesse esteio, os centros que aderiram a Campanha do Quilo se filiaram a *Comissão Estadual de Espiritismo,* que firmou consolidação para a continuidade do movimento. (UCHOA, 2003). Partindo para análise de Foucault, conseguimos verificar que ação de resistência ao discurso do poder dominante provocou uma ação libertadora que evitou a extinção do movimento. (SOUZA, 2014).

Para Foucault, a relação de poder está em todas as relações existentes, incluindo as horizontais. Participar do grupo assistencialista da Campanha do Quilo implicava se deixar conduzir pelo controle de seus corpos, uma vez que o discurso disciplinador era recheado de limitações para os tarefeiros, que eram cobrados à prática de atos e gestos minimamente calculados pelos regimentos, bem como observados e cobrados por seus pares, exemplo clássico da existência de relações de força no nível micro. (SOUZA, 2014, p. 105).

Foucault já dizia que o poder e o conhecimento é uma demonstração de dominação que se realiza pela apropriação de quem conhece sobre o que é conhecido. (SOUZA, 2014, p. 105) O que Elias Sobreira registrou no Regimento da Escola do Quilo, traduzia num verdadeiro manual de boa convivência *intra* e *extra* instituição, sinalizando que o discurso do conhecimento, que o legitimava a determinar as regras do jogo, que tinha por propósito o bom funcionamento do movimento. As regras, em razão da premissa *mater*, a caridade, eram abastardas de fundamentos cristãos: uma estratégia de poder que não levava à resistência, até porque os participantes estavam praticando uma atividade voluntária, nova, cheia de desafios, que trazia resultados salutares para os assistidos e nada mais convincente do que as aceitá-las de quem já sabia o caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do enfrentamento do problema social da fome em Recife, herança de injustiça social que atinge parte significativa da nossa população, o artigo se propôs em abordar a ação assistencialista da Campanha do Quilo, a partir da sua implantação nesta capital no combate a esse flagelo social, onde verificamos as ações de resistência a nova modalidade de arrecadação diante de órgãos de hierarquia superior e da sociedade, bem como pudemos observar as relações de poder dentro da própria instituição, constante no Regimento da Escola Central da Campanha do Quilo de Pernambuco, hoje denominada Fraternidade Espírita de Campanha do Quilo de Pernambuco, através das normas de condutas impostas aos legionários do quilo, aos dirigentes dos centros adesos, bem como as instituições beneficiárias.

As ações realizadas pela Campanha do Quilo não visam a modificar uma estrutura política/social que está posta, uma vez que as razões que movem os colaboradores da Campanha do Quilo estão ligadas a valores cristão como a caridade, humildade e solidariedade. Entretanto, na medida em que promove a manutenção de asilos, e mais particularmente orfanatos e creches, contribui para o benefício, além de alimentar, a educação básica e profissionalizante, alicerces que enaltecem o valor da dignidade humana de seus assistidos, contribuindo para o progresso social de uma parcela da população carente, consolidando seu firmamento como movimento assistencial de repercussão social em Recife.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Valdemir; ALVES, Antônio. **Prefácio.** *In*: OLIVEIRA, Luzinete. **Campanha do Quilo: uma prece em movimento**. Recife: Telegráfica Editora, 2016.

BERSTEIN, Serge. **A cultura política**. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, JeanFrançois. Para uma história cultural. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: ForenseUniversitária, 1982.

CORNER, Dolores Martin Rodriguez. **Fome e gastronomia: os dois lados da mesma moeda**.In: XXVI Simpósio Nacional de História. Anais. São Paulo: ANPUH, jul. 2011. p. 1-11. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300671383_ARQUIVO_FOMEEGASTRONOMIA.pdf. Acesso em: 12 nov. 2021.

DIÁRIO DA NOITE (PE), **A Campanha do Quilo vai amentar abrigo**. Recife, 14/10/1959. s-d. Disponível em: Acervo da Fraternidade Espírita da Campanha do Quilo em Pernambuco.

DIÁRIO DA NOITE (PE), **Agiam em nome da Campanha do Quilo Recife.** 14/10/1959. Disponível em: Acervo da Fraternidade Espírita da Campanha do Quilo em Pernambuco.

FRATERNIDADE ESPÍRITA DE CAMPANHA DO QUILO DE PERNAMBUCO. **Estatuto da Fraternidade de Campanha do Quilo de Pernambuco**. Recife, 2008. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B2UR3yL5VrLzbERHdmNzQVlWR2F0S3VNRTZGZ0ljUHpleFdj/view?resourcekey=0-pKZlNScUW65NTwgTB-uDQw. Acesso 04 Dez 2022

LE GOFF, Jacques**. História e Memória**. 1924; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LEI MUNICIPAL: RECIFE. Lei 10.471/1972. Considera de utilidade pública no âmbito municipal a escola central da campanha do quilo de Pernambuco. Disponível em: https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/1972/1083/10821/lei-ordinaria-n-10821-1972-considera-de-utilidade-publica-no-ambito-municipal-a-escola-central-da-campanha-do-quilo-de-pernambuco?q=Campanha+do+Quilo. Acesso:09 ago. 2022]

LANG, Alice Beatriz da Silva. Espiritismo no Brasil. **Cadernos CERU**, série 2, v. 19, n.2, dezembro.

LEME, Adriana Salay. **Josué de Castro e as metamorfoses da fome no Brasil**, 1932-1946. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.28, n.4, out.-dez. 2021, p.1115-1135.

MOTTA, Rodrigo Sá. **Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia**. In: ____Culturas Políticas na história: novos estudos. Belo Horizonte, Argumentum, 2009.

MOURELLE, Thiago. As várias faces de Getúlio Vargas: historiografia e memória. *In:* **Café História.** Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/as-varias-faces-de-vargas/. Publicado em: 26 jun. 2017.

OLIVEIRA, Luzinete. **Campanha do Quilo:** uma prece em movimento. Recife: Telegráfica Editora, 2016.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães -** consolidação e crise de uma elite política. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1984. 224 p.

SILVEIRA, José Carlos. **Serviço de assistência e promoção social espírita**: Manual de apoio / José Carlos Silveira (organizador). – 3. ed. 1. imp. – Brasília: FEB, 2013.

SOBREIRA, Elias Alverne. **Campanha do Quilo ou O Bom Combate**: suas histórias e as vivências de um legionário. Recife: CEPE, 1978.

SOUZA, Ricardo Luiz. **O poder e o conhecimento:** introdução ao pensamento de Michel Foucault. Salvador: EDUFBA, 2014, 201p.

UCHOA, Rubens. **O Último Toque do Clarim**. Recife. Editora. do Autor, 2003.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. **Rev. Nutr**., Campinas, 18(4):439-457, jul./ago. 2005.